

INFORMAR NA GUERRA

Folha de S. Paulo, Editorial, 7.10.01

Em reportagem publicada há poucos dias, o "The New York Times" identificou, nos desdobramentos dos atentados de 11 de setembro, um debate sobre o "equilíbrio entre liberdade de expressão, segurança nacional e patriotismo". Episódios alinhavados no texto deixam clara a ameaça que paira sobre o primeiro vértice desse triângulo. O governo tentou suspender a veiculação, pela emissora de rádio "Voz da América", de entrevista com o líder supremo do Taleban. Um apresentador de televisão foi publicamente repreendido pela Casa Branca e abandonado pelos anunciantes depois de criticar as Forças Armadas. Pelo menos dois jornalistas de publicações do interior perderam o emprego por fazer restrições ao desempenho do presidente George W. Bush.

"Tempos difíceis para o país tendem a ser difíceis também para a Primeira Emenda", analisou um advogado estudioso do trecho da Constituição norte-americana que é paradigma de garantia à liberdade de expressão. Para a imprensa, o tempo é de enormes desafios.

O mais aparente diz respeito às restrições impostas ao acompanhamento noticioso da operação militar preparada pelos Estados Unidos.

Ficou famosa a frase de um veterano do mesmo "The New York Times" sobre sua experiência na Guerra do Golfo. Segundo ele, o sistema de cobertura conjunta -o chamado "pool"- transformou os repórteres em "empregados não remunerados do Departamento de Defesa".

Hoje se sabe que a ofensiva de 1990, descrita na primeira hora como pontual e asséptica, devastou o Iraque e deixou perto de cem mil mortos.

Das alianças costuradas por Washington à quase inviolabilidade geográfica do território do Afeganistão, tudo aponta para um cerceamento de informações ainda maior desta vez -aprovado, como mostrou reportagem na Folha de ontem, por parcela expressiva dos americanos.

Quando as próprias autoridades assumem a intenção de "mentir sobre algumas coisas", como disse um representante do Pentágono, o mínimo que a imprensa tem de fazer é dobrar suas reservas em relação ao discurso oficial.

Também o pluralismo estará sob risco. Inédito em sua amplitude, o arco de apoio internacional aos EUA tende a eliminar vozes dissonantes. Sem esforço permanente, será difícil fugir tanto do alinhamento aos interesses americanos quanto da leniência com grupos radicais islâmicos.

São desafios que o modelo CNN de jornalismo, sem prejuízo de sua agilidade e de seu alcance global, não tem condições de atender. Os jornais que se limitarem a reproduzi-lo ficarão longe de introduzir o leitor no que o diário francês "Le Monde" chamou de "nova desordem mundial".

Tem sido comum ouvir que serão necessários anos para entender o significado do ataque sofrido pelos EUA. Se for assim, tanto maior a responsabilidade da imprensa para rascunhar a história com investigação extensiva e reflexão.